



Universidade: presente!



XXXI SIC

21. 25. OUTUBRO. CAMPUS DO VALE



Experiências de educadoras na Educação Inclusiva: afetos e desafios do cuidado infantil

Maicon Schneider Fyszer

Orientadora: Rita de Cássia Sobreira Lopes

INTRODUÇÃO

- Nos espaços de cuidado coletivo das creches, a educadora muitas vezes é convocada a exercer uma função de cuidar semelhante à da mãe;
- O cuidado aos bebês exige disponibilidade emocional e sintonia com a sua forma não verbal de comunicação;
- Nesse contexto, o corpo da educadora é muito exigido pelos bebês, o que pode provocar cansaço físico, ansiedades e sentimentos difíceis de lidar;
- Tais desafios se intensificam quando a educadora precisa lidar também com bebês em inclusão que exigem um olhar diferenciado e, por vezes, uma participação mais ativa do corpo;
- Por se tratar de uma tarefa complexa, espaços de escuta, discussão e reflexão são importantes para que diferentes sentimentos possam ser acolhidos e abordados junto às educadoras.

OBJETIVO

Proporcionar um espaço de escuta para as educadoras falarem livremente sobre suas experiências relacionadas à Educação Infantil e à Educação Inclusiva.

MÉTODO

- **Participantes:** cinco educadoras de três escolas da rede municipal de Porto Alegre, com idades entre 26 e 59 anos;
 - Elas atendiam três bebês com deficiência na creche;
 - Os bebês tinham 12, 24 e 36 meses de idade e apresentavam deficiência auditiva, Síndrome de Down e hipotonia.
- **Instrumentos:** foi usado um dispositivo de escuta, denominado Grupo de Discussão de Trabalho, inspirado na Clínica da Tavistock;
 - Os grupos de discussão de trabalho foram conduzidos por três facilitadores;
 - Após os encontros, cada facilitador elaborou um relato;
 - Os relatos foram discutidos semanalmente em supervisão em grupo.
- **Análise de dados:** foram analisados os relatos clínicos elaborados pelos facilitadores e o material produzido em supervisão.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

- O grupo de discussão de trabalho se mostrou como um dispositivo eficaz para que as educadoras pudessem trazer suas inquietações e compartilhar experiências;
- Elas puderam perceber que muitas das dificuldades e dos sentimentos suscitados eram comuns às educadoras de forma geral, pois são inerentes ao cuidado aos bebês;
- Por vezes a demanda por aquele espaço era tão intensa que elas tangenciavam o tema da inclusão de bebês e crianças pequenas com deficiência na creche;
- As educadoras tiveram que superar uma série de dificuldades e barreiras institucionais para frequentar o grupo, sugerindo que esse era um espaço muito caro a elas;
- A escuta atenta e cuidadosa dos facilitadores, que tinha como objetivo único proporcionar um espaço acolhedor às educadoras, permitiu que elas pudessem ouvir a si mesmas e, a partir disso, repensar as questões compartilhadas no grupo;
- As educadoras dificilmente demandavam intervenções mais pontuais por parte dos facilitadores, mas elas constantemente buscavam a presença deles como forma de sustentação desse dispositivo;
- A escrita dos relatos e as trocas feitas em supervisão em grupo tiveram um papel importante na elaboração de todas as experiências vivenciadas no grupo de discussão de trabalho;
- Nesse quesito, destaca-se o desafio de traduzir para uma linguagem verbal uma experiência que se apoia em sensações, na linguagem não verbal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O grupo de discussão de trabalho demonstrou ser um dispositivo eficiente em possibilitar e sustentar a elaboração das angústias e dos anseios das educadoras relativos à sua prática profissional.

Ao permitir que elas se escutem em relação ao seu fazer, observa-se a potência desse dispositivo em produzir ressignificações nas práticas de cuidado aos bebês e crianças pequenas, com e sem deficiência na creche.